

The background is a vibrant, abstract painting. It features a curved wooden table in the foreground. On the table, there is a clear glass filled with white liquid, a blue cassette player, and a blue tray with a red object on it. To the left, a brown and green cassette player is visible. The background consists of broad, expressive brushstrokes in shades of blue, green, orange, and yellow, creating a sense of depth and movement.

MOJO
BOOKS

Tigermilk

Belle & Sebastian

RECONTADO POR **BRUNO RODRIGUES**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Belle & Sebastian
TIGERMILK
recontado por
BRUNO RODRIGUES

JULHO DE 2008
VOLUME 70

MOJO
BOOKS

belle & sebastian

TIGERMILK

recontado por

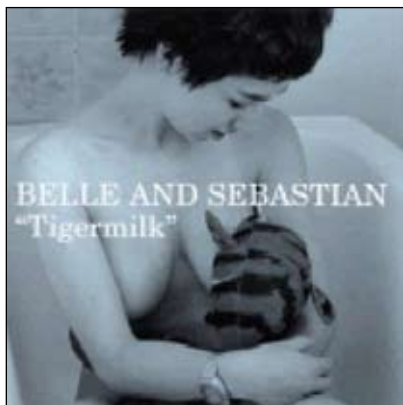
BRUNO RODRIGUES

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA DESTA EDIÇÃO: **BASE-V**



**PLAYLIST ORIGINAL
DO ÁLBUM**

1. The state i'm in
2. Expectations
3. She's losing it
4. You're just a baby
5. Electronic renaissance
6. I could be dreaming
7. We rule the school
8. My wandering days are over
9. I don't love anyone
10. Mary Jo

**BELLE & SEBASTIAN
TIGERMILK**

LANÇAMENTO: **1999**
SELO: **MATADOR RECORDS**



TIGERMILK

ZERO

Dez canções *pop* perfeitas. Dez histórias diferentes sobre a mesma cidade e a mesma garota ao som dessas mesmas canções perfeitas.

UM

Saiu apressada do elevador vazio, um copo com um café frio em uma mão e umas folhas amassadas na outra. Cruzou o *hall* do prédio, deu bom dia para o porteiro. A chuva da outra noite tinha limpado as ruas que agora pareciam tão calmas e puras. Algumas gotas de água ainda caíam dos galhos das árvores. O cheiro de terra molhada invadiu seu nariz, trazendo uma série de lembranças. Mas agora ela não tinha tempo pra ficar pensando, sentindo ou lembrando. Entrou no primeiro táxi que encontrou e mandou seguir para a estação de trem. Olhou para o relógio, ainda tinha uns dez minutos até a partida. Perdeu muito tempo revirando a bolsa procurando o dinheiro, não esperou pelo troco. Correu, ignorou a escada rolante, quando chegou já estava sem fôlego. Jurou que ia pensar em parar de fumar. O trem já estava indo embora. Procurou o rosto dela pela multidão, qualquer sombra ou qualquer lembrança daqueles cabelos loiros ou daquele sorriso. Era tão difícil acreditar que ela tinha ido embora sem dar um último beijo e um último adeus. Já no apartamento colocou Smiths pra tocar enquanto trocava as pilhas do despertador entre as lágrimas que corriam pelo rosto.

DOIS

O carro seguia por uma estrada qualquer, Belle & Sebastian tocando alto, ela com um cigarro aceso na mão, filosofava e jogava a fumaça pro alto.

— Acho que algumas vezes você não consegue me entender, John.

Eu só mexi a cabeça concordando. Os pensamentos dela eram rápidos, as palavras que saiam daquela boca eram sempre certas. Ela pegou o maço que estava jogado sobre o painel, acendeu outro cigarro e colocou na minha boca. A noite já chegava, acendi os faróis e tirei as mãos do volante. O carro pulava em cada buraco da estrada mal cuidada. Ela jogou a cabeça pra trás e o cigarro pela janela aberta. Comentou como a vida era curta e deu um sorriso.

TRÊS

A janela do quarto não mostrava o céu escuro da noite, não mostrava os pássaros que se aventuravam em vôos noturnos, nem o verde da grama e das árvores que não existiam por ali. A janela mostrava só outro prédio cinza com outras janelas. Toda a vida que se acumulava por trás daquelas cortinas e vidros. A madrugada passava lenta acompanhada pelo brilho apagado do monitor do computador que mostrava uma página em branco sem nenhuma história para contar. Bem que ela estava se esforçando, tentando pensar em alguma coisa. Mas fazia tanto tempo que desistiu, puxou a tomada e foi buscar alguma coisa pra comer. Notou que a terça estava começando preguiçosa quando ouviu os primeiros movimentos da manhã. Os carros passavam mais lentos, conduzidos por motoristas sonolentos que saíam em busca de trabalho ou de um saco de pão e um maço de cigarros. Saiu do quarto depois de acabar com a xícara de chá e as bolachas e desceu as escadas. Do jardim pequeno do prédio podia ver o sol nascendo, a linha laranja que dividia o céu escuro e o azul que aparecia de surpresa. Naquele momento, um sentimento invadiu o peito, quase transbordava. Ela se sentou entre as poucas flores daquele jardim triste e cantarolou sua canção favorita.

QUATRO

Sentiu medo. Encarou o palco vazio, uma luz avermelhada caía bem em seus olhos pequenos que se transformaram em fendas de onde brotaram lágrimas. Tinha esquecido o texto, tinha esquecido o que tinha de dizer, havia arruinado toda a peça. Procurou a sua mãe em meio aos outros rostos, queria ir pra casa e encontrar a cama feita. Depois de um tempo a professora surgiu em meio à escuridão das bordas do palco, disse que ia ficar tudo bem e chamou a próxima parte. Arnaldo se lembrou disso naquela noite, vinte e um anos depois. Contou para ela antes que saísse com as suas malas pela porta e nunca mais voltasse. Algumas horas depois, Arnaldo também lembrou o que deveria ter dito naquela noite abafada, vinte e um anos atrás. Correu até a janela e gritou a plenos pulmões. Sua mãe ficaria orgulhosa.

CINCO

Aquele tom de voz que ele conhecia tão bem. O som que aqueles passos faziam pelo corredor que levava até o quarto. Ela poderia dizer tantas coisas sobre Sofia que já tinha perdido a conta. Tantos segredos sujos, tantas histórias, todas as cicatrizes, todas as marcas. Não saía do quarto há dois meses. Marcava cada dia que se ia com uma queimadura de cigarro no braço. Alguns poderiam dizer que tinha enlouquecido. Outros só diriam que era mais um apaixonado. Rastejou até o velho aparelho de som. Colocou a agulha no sulco do vinil e ficou ouvindo, maravilhado com aquelas guitarras que contavam histórias parecidas com as suas. Não muito longe dali, em um bar, Sofia beijava um cara que não se lembrava do próprio nome. Acordes conhecidos começaram a sair das caixas de som. Ela pediu uma bebida e acendeu um cigarro.

SEIS

Com os cotovelos apoiados na mesa e um toco de giz de cera entre os dedos. Na folha a sua frente, grama, um cachorro e uma casa. Pensava de qual cor ia pintar o céu, já que não sabia onde estava o azul. Pintou o céu de roxo. Ficou satisfeito com o resultado, talvez mostrasse para a sua mãe quando ela voltasse. Foi até o banheiro e tentou limpar as mãos, mãos de arco-íris. O céu azul lá em cima minava qualquer esperança do desenho estar um pouco certo. Não importava. Quando julgou que as mãos estavam limpas o suficiente, fechou a torneira. Voltou a abrir. Ficou olhando a água correr. Água não era azul. Olhou bem, água não tinha cor. Olhou de novo para o céu. Azul, parado e imenso. Nenhum traço de roxo. Algumas vezes a vida é tão cruel que o máximo que se pode fazer é suspirar e pensar no que vai ter para o jantar.

SETE

Então, em um dia qualquer, pequenos tocos de asas surgiram em suas costas. Parou e olhou no espelho. Eram asas pequenas com uma penugem delicada. Sentiu o toque macio, deu um sorriso. Mostrou para sua mulher. Se por acaso ela achou isto algo incrível fez questão de bem disfarçar atrás de um olhar de indiferença. Durante a noite ele saiu voando. Nunca mais foi visto.

Barulhos estranhos vindos da cozinha interrompem meu sono. Os olhos abertos focalizam as manchas no teto, em pouco tempo já coloquei as calças e estou no corredor. Um ruído que vem crescendo, é o motor da geladeira. Na cozinha, ela, a geladeira, engole Charlie. Charlie até então era o nosso cão. Apenas era.

fecha a torneira que esqueceu aberta pela manhã. O choro começa a subir pela garganta, pergunta-se por qual motivo nada deu certo no dia quando começa a tirar a água que se acumulou por todos os cômodos da casa que era de seus pais. Procura qualquer lembrança deles. Ela sabe que não vai conseguir achar nenhuma. Sente-se feliz quando abre o frasco com os remédios, se sente feliz quando se deita pela última vez na cama de casal e fecha os olhos. Diz adeus com os lábios entreabertos, mas todos estão ocupados demais para ouvir agora.

A música voltou a soar quando ela colocou os fones de ouvido. As conversas foram sumindo aos poucos, a vida dos outros foi se apagando do seu momento. Fechou os olhos, a escuridão e o sono tragaram seus pensamentos. Não podia dormir. Se perdesse o ponto e chegasse atrasada ao escritório ia perder o emprego. Tinha um filho, tinha de pagar o aluguel do mês passado. Não podia ser demitida. Abriu os olhos incomodados pela luz. Caminhou cambaleando pelo corredor apertado do ônibus. Na rua, acendeu um cigarro. Tinha um filho e o aluguel do mês passado pra pagar. Não podia morrer de câncer de pulmão. Apagou o cigarro e jogou fora o maço quase cheio.

Uma fotografia preta e branca quebrava a monotonia das paredes nuas e claras. A garota sorria enquanto seu olhar calmo se fixava em algo qualquer, impossível de se saber. Ele estava sentado em uma poltrona diante da televisão desligada. Ele não precisa de um nome.

Encarou a foto. A garota ainda estava lá, fazendo a mesma coisa. Suspirou e puxou um caderno e uma caneta do bolso do casaco. Pensou alguns instantes sobre qual seria aquele dia. Os pássaros estavam cantando da mesma forma. As nuvens estavam passando no céu da mesma forma. Talvez fosse um domingo.

Domingo,

A garota da foto ainda está lá. As árvores estão perdendo as folhas. Um garoto quebrou a vidraça do quarto com uma pedrada. Minhas costas doem.

Achou que estava bom por hoje. A vida é movimentada pelo mistério. Ficou feliz em pensar isso, mas não anotou. Levantou-se para caminhar gemendo até a janela. Gemeu mais alto quando viu o vizinho cuidando do jardim. Gemeu até ele olhar para a janela.

“Deve estar achando engraçado o problema de um velho. Os jovens

acham que são superiores. Não esperam acabar assim, como eu”. Também não anotou este pensamento.

A garota, longe dali, amaldiçoava todo o tráfego de veículos. Todo o sistema de transporte público. Todas as horas. O mundo, talvez. Ela não prestou atenção nas folhas caídas das árvores. Ela, a garota da foto e o velho, estavam separados por um oceano. O velho não sabia que a garota da foto se chamava Alice. Alice, a garota da foto, não sabia que o velho estava exatamente tentando lembrar-se do seu próprio nome.

OITO

— Tô indo embora.

Acho que consigo viver um tempo assim, antes que os ratos e as baratas tomem conta do apartamento. Ela bate a porta quando saí. Na outra semana vai voltar pra pegar os livros que esqueceu. Eu fico sentado no sofá, com uma xícara de café em uma mão e uma revista em outra. Pensando bem, acho que vou dormir mais um pouco. Hoje não vou trabalhar.

Na outra semana, a campainha toca. É ela. Não veio pegar os livros. Juro que achei que ela ia dizer que queria voltar. Se não tivesse pensado tanto nisso, se não demonstrasse que queria ela de volta, talvez até tivesse voltado mesmo. Bebeu um chá e levou o gato. Os livros ainda estão aqui.

NOVE

Marcela acordou e passou os olhos pelo quarto. Cada detalhe, por mínimo que fosse, qualquer coisa. Seus gatos dormiam uns sobre os outros em um canto. Ela sempre achou que virariam tigres quando ficassem grandes, mas as coisas dificilmente são como Marcela espera. Caminhou até o banheiro e tomou um banho demorado. Sentia-se tão suja e usada que nem toda água do mundo poderia dar um jeito nisso, mas ela já sabia o que iria fazer. Voltou para o quarto e escolheu um vestido florido para combinar com o dia quente de verão que fazia lá fora. Colocou um pouco de leite na tigela dos gatos, fechou as janelas e pela última vez saiu de casa. Marcela caminhou enquanto o sol não estava tão forte. Marcela desejou bom dia para tantas pessoas no caminho que já tinha perdido a conta. Marcela chegou à beira da estrada e achou melhor pedir carona. Sentou no asfalto quente esperando algum carro parar e com um sorriso alguém abrir a porta e a levar para longe. Mas as coisas não são como Marcela espera. Apenas um caminhão velho parou. Sem escolha, ela resolveu ir. Ele estava indo para a praia. Os olhos dela brilharam ao saber disso, já podia se imaginar morando embaixo de um coqueiro. Marcela já podia imaginar os tantos nascer do sol que veria da beira da praia. O caminhoneiro não trocou mais do que

alguns grunhidos. Ela tirou um isqueiro da bolsa e começou a brincar. Já fazia tanto tempo que tinha parado de fumar que não sabia por que ainda guardava aquilo. Quando chegaram, Marcela agradeceu a carona. Desceu do caminhão e abandonou o motorista e o seu cheiro estranho. Mal se cabia dentro da emoção de cada passo que dava em direção a areia branca. O sol já não era tão forte e não se via ninguém. Ela encostou os pés na areia e achou melhor tirar os sapatos. Não havia coqueiros naquela praia.

DEZ

Queimou as pontas dos dedos com o isqueiro. Achou melhor para de fumar de vez.

O apartamento sujo se enche com o cheiro do café. Sofia entra no quarto segurando duas xícaras, dá um sorriso e diz bom dia. É complicado lembrar o que aconteceu exatamente na noite que se passou. Na minha cabeça umas cenas pequenas e umas conversas isoladas tentam se juntar. Ela entra debaixo do cobertor e fica em silêncio enquanto bebe. Fico pensando que tenho de ir ao mercado. Tenho de regar as plantas. Fazia tempo que não via a Sofia e agora ela parece tão feliz. Talvez dê pra levar isso até a hora do almoço, não vou contar pra ela que mal lembro se transamos ou não, pelo menos não agora. Tenho que parar de beber, é isso. Encho a boca com o café amargo. A campainha toca. Se for a Alice na porta agora, ela vai ficar puta. Não deve ser, é muito cedo. Sofia me pergunta se não vou até a porta. Acho que é a Alice. Não vou, deixo o silêncio voltar. Sofia parece tão feliz.

UM

Escreve um e-mail para todos os colegas do trabalho. Agradece por aqueles longos vinte anos. Escreve alguns fatos engraçados que aconteceram. Ninguém vai se dar ao trabalho de ler. Quando ele cruza as portas para sair do escritório, deixa uma grande parte da sua vida ali. Deixa a sua juventude e os seus sonhos. Agora ele mal se lembra que um dia já teve juventude e sonhos. Liga o carro e sente o motor roncando. Ignora alguns sinais vermelhos pelo caminho. Em casa, abre a porta sem fazer muito barulho. Mulher e filha já estão dormindo, a janta fria sobre a mesa. Senta no sofá e assiste um pouco de televisão.

DOIS

Não entende por qual motivo seus pés não estão presos ao chão. Começa a flutuar e a subir como a fumaça do cigarro que a mãe traga. Pássaros negros fazem uma estranha dança em volta do seu corpo leve. Acorda suado. Caminha até a cozinha e pega uma cerveja.

TRÊS

Acorda e já não se lembra mais do sonho que teve. Procura pela mulher com os olhos fechados ainda, mas só encontra um espaço vazio na cama. Procura então na sala, na sacada, no banheiro. Volta para o quarto para pegar uma camiseta e se dá conta que todas as roupas da mulher não estão mais ali. Vai então para o quarto da filha e faz a mesma descoberta. Uma sensação estranha começa a surgir na boca do estômago.

QUATRO

Caminha descalço pela beira do lago. Não se importa com as águas e a areia sujas, os restos que a civilização deixa para trás. Grita pela mulher para o vento que sopra. Não recebe nenhuma resposta.



MOJO
BOOKS

www.mojobooks.com.br